



## **Construir e produzir um conhecimento transdisciplinar holístico: conectando o despertar do sujeito ao desafio da integração entre ciências, tradições, saberes e vivências<sup>1</sup>**

Camila Aloisio Alves<sup>2</sup>

### **Resumo**

O homem desde a antiguidade tem uma relação com o mundo ao seu redor de desbravamento e descobertas, continuamente provocado pelo mistério, pela estranheza das coisas e da natureza. Todavia, a capacidade de avaliar, dimensionar e monitorar os impactos das tecnologias, das formas de produção capitalista e da intervenção foi pouco explorada, seja por desconhecimento, seja por negligência, o que coloca a humanidade, atualmente frente a desafios importantes para a garantia da manutenção da vida. O presente trabalho tem como objetivos analisar a trajetória da Formação Holística de Base na Abordagem Transdisciplinar (FHB), promovida pela UNIPAZ-RJ, e seus resultados no sentido de integrar sujeito ao desenvolvimento de novos conhecimentos assentados no paradigma transdisciplinar holístico. Para tanto, utilizou como metodologia a autobiografia, no intuito de servir como meio de compreensão entre a história individual da autora e a história social de aprendiz do curso de FHB. Os resultados apontaram que a FHB é uma formação que foi construída assentada no paradigma transdisciplinar holístico por permitir o desenvolvimento do sujeito em seus diferentes níveis, conectando-o à sociedade e à natureza. Por meio desse movimento torna-se possível integrar ciências, saberes e tradições na construção das relações e na produção de práticas, nos diferentes campos de atuação, sensíveis e despertadas para a integralidade do conhecimento. Palavras-chave: transdisciplinaridade, ciências e transformação do sujeito.

### **Abstract**

The man from ancient times has a relationship with the world around you slash and discoveries, continually provoked by the mystery, the strangeness of things and nature. However, the ability to assess, measure and monitor the impacts of technologies, forms of capitalist production and intervention has been little explored, either through ignorance or by negligence, which puts humanity currently facing major challenges to ensuring the maintenance of life. The present work aims at analyzing the trajectory of Holistic Training Base in Transdisciplinary Approach (FHB), promoted by UNIPAZ-RJ, and its results in order to integrate subject knowledge to develop new settlers in transdisciplinary holistic paradigm. For this purpose, the autobiography as a methodology in order to serve as a means of understanding between the author's personal history and social history of learner travel FHB. The results showed that FHB is a training that was built seated in transdisciplinary holistic paradigm for allowing the development of the subject at different levels, connecting it to society and nature. Through this movement becomes possible to integrate science, knowledge and traditions in building relations and production practices in different fields, sensitive and awake to the completeness of knowledge.

---

<sup>1</sup> Artigo inédito, apresentado ao Programa de Pós-graduação Lato Sensu em Abordagem Transdisciplinar Holística da Faculdade São Judas Tadeu / UNIPAZ-RJ, 2012.

<sup>2</sup> Contato: camila.aloisioalves@gmail.com

## **Introdução**

O homem desde a antiguidade tem uma relação com o mundo ao seu redor de desbravamento e descobertas, continuamente provocado pelo mistério, pela estranheza das coisas e da natureza. Em todos os momentos da história da humanidade e das ciências, o homem viu-se impulsionado a buscar respostas, mobilizado por mudanças em si mesmo ou ao seu redor, através de um processo de avanços e retrocessos.

Na Grécia antiga, dos pré-socráticos, a maneira de interpretar a verdade do mundo estava contida na própria surpresa do fenômeno, do inesperado, do fluir da natureza. Na medida em que os fenômenos naturais se davam os sujeitos “embarcavam” na sua fluidez no afã de desvelar o que estava velado (Andrade, 1999: 37).

No período medieval, o homem experimentava a natureza imbuído de fé e atribuía aos fenômenos naturais características divinas e revelatórias sobre a própria condição humana no mundo.

No entanto, o homem moderno afastou-se dessa maneira de ser muito ligada à natureza em si, emancipando-se da dependência tanto da fé, quanto da revelação natural e buscou dar aos seus estudos bases concretas, certezas objetivas e indubitáveis (Andrade, 1999: 38)

A metafísica, nesse momento, surge através dos estudos de Newton e da filosofia de Descartes para dar arcabouço a essa urgência científico-filosófica. Para a metafísica, as coisas são dotadas de características imutáveis, permanentes, estáveis. Buscam-se nos fenômenos apenas o que tem estabilidade e se renega as qualidades sensíveis, as relações sociais, o acidental, as diferenças culturais, ou seja, o que é mutável.

A domesticação do estranho visa dar ao fenômeno social, natural, físico uma utilidade dentro da sociedade. Cabe ao próprio homem descobrir uma função para as coisas em si, tudo o que é tido como estranho ou inusitado deve ser analisado sob o viés da utilidade dentro desse mundo repleto de significações criadas pelo próprio homem.

Domina-se tudo através da razão e submete a realidade ao grau de funcionalidade e de aplicabilidade que ela é capaz de ter; ou seja, entende-se o fluxo da vida tendo por detrás a presença constante da estabilidade. Os dados oriundos da sensação, imaginação, percepção e do afeto, na razão cartesiana (razão moderna), são submetidos aos critérios redutores/racionais.

Dessa forma de pensar erigiram paradigmas conceituais que norteiam até hoje os estudos científicos. Tais paradigmas podem ser definidos pelas constelações de crenças, valores e técnicas compartilhadas pelos membros de uma determinada comunidade científica. A aderência a estes é um pré-requisito absolutamente indispensável em qualquer empreendimento científico newtoniano-cartesiano.

Para isso, torna-se necessário que se delimite uma escala em que os problemas serão abordados, como uma delimitação de espaço que comportará a amostragem e a amplitude do objeto de estudo. Nesse sentido, fazer ciência sob a concepção cartesiana é ter um sujeito que seleciona um aspecto da realidade e através da utilização de métodos científicos, tenta entender, esmiuçar, explorar, catalogar todos os aspectos deste objeto, descobrindo suas utilidades e assim, estabelecendo um movimento investigatório de caráter dicotômico, ou seja, prima-se por uma separação e um distanciamento entre esse sujeito e seu objeto, sendo este aquilo que deve ocupar a posição de observado e o sujeito como observador.



Nesta forma de fazer e pensar a ciência, não se concebe uma relação reflexiva entre sujeito e objeto, em que ambos se interferem e a ação de um influi no movimento do outro, há a necessidade de se buscar uma neutralidade na relação entre ambos. Tal neutralidade é um dos primados dessa forma de fazer ciência e o cientista só pode ser entendido ocupando um patamar que o separa de seu objeto, no qual ele passa a ter a capacidade de não ser atingido pela própria estrutura do mesmo.

E essa forma de lidar com os fenômenos inatingíveis pela razão não só influenciou a forma de conhecer e experienciar nas ciências naturais como também influenciou as ciências humanas e filosóficas. Ao longo de décadas de estudo, pesquisa e produção, as ciências, centradas no paradigma cartesiano, trouxeram inúmeros legados para a humanidade, permitindo encurtar distancias, automatizar processos de trabalho, facilitar a comunicação, aumentar a qualidade de vida por meio de medicamentos, exames, diagnósticos e produtos.

A expansão do conhecimento permitiu explorar e experienciar a vida sob outras perspectivas que não apenas a dogmática e religiosa, ampliando horizontes e dando mais liberdade de expressão e produção.

Todavia, a capacidade de avaliar, dimensionar e monitorar os impactos das tecnologias, das formas de produção capitalista e da intervenção foi pouco explorada, seja por desconhecimento, seja por negligência, o que coloca a humanidade, atualmente frente a desafios importantes para a garantia da manutenção da vida.

Para Santos (2002), o momento atual exige que seja desenvolvido um conhecimento prudente para uma vida decente por meio de ciências comprometidas

com os impactos e conseqüências de suas conquistas, refletindo no uso adequado das tecnologias, explorando campos do conhecimento, dos saberes e das tradições.

Para que seja possível construir um conhecimento implicado com os resultados, conseqüências e avanços, a tarefa precípua está em transformar a compreensão do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia. As grandes transformações paradigmáticas desse momento convocam para a superação dos obstáculos internos dos sujeitos, expandindo e aprofundando visão, compreensão e ação, para que a renovação de si de expresse em renovações no mundo.

Considerando esse desafio no contexto da Formação Holística de Base na Abordagem Transdisciplinar (FHB) promovida pela UNIPAZ-RJ, o presente trabalho tem como objetivos analisar a trajetória desta formação e seus resultados no sentido de integrar sujeito ao desenvolvimento de novos conhecimentos assentados no paradigma transdisciplinar holístico.

## **Metodologia**

O presente trabalho utilizou como metodologia a autobiografia, no intuito de servir como meio de compreensão entre a história individual da autora e a história social (Bueno, 2002) de aprendiz do curso de Formação Holística de Base na Abordagem Transdisciplinar Holística (FHB).

A autobiografia, como metodologia de trabalho, traz como possibilidade incluir a subjetividade como elemento central de análise no processo de transformação pessoal através da rememoração das experiências pessoais articuladas ao contexto histórico (Bueno, 2002; Silva et. al. 2007)

Os materiais de análise para a metodologia autobiográfica podem ser primários – narrativas ou relatos autobiográficos realizados face-a-face – ou

secundários – correspondências, diários, narrativas diversas, documentos, fotografias (Bueno, 2002)

Para esse trabalho foram utilizados os materiais secundários resultantes das autoavaliações produzidas ao longo do curso, que são recursos utilizados pela Unipaz-RJ para realizar as avaliações de cada disciplina e que devem expressar a compreensão do aprendiz sobre o conteúdo do seminário a partir de suas reflexões, percepções e transformações de olhar e prática.

O agir humano, segundo Ferrarotti (apud Bueno, 2002), expressa as apropriações que os sujeitos fazem das relações sociais que, por meio de um processo de interiorização e exteriorização vão compondo estruturas psíquicas e transformando as formas de ser, estar e agir no mundo.

Para Ferrarotti (apud Bueno, 2002), os sujeitos são ativos no processo de apropriação do mundo social e que o mesmo encontra-se, integralmente, em cada um dos atos, sonhos, delírios e obras do homem, constituindo uma síntese do processo de existência.

Os sujeitos não vivem e nem se constituem sozinhos e as trajetórias que são traçadas possuem implicações históricas e sociais que marcam toda uma vida. A história de vida de um sujeito revela muito mais do que acontecimentos, pois são expressões dos contextos, dimensões, implicações pessoais que construídas (Silva e Maia, 2010).

Assim, a análise realizada procurou compreender o percurso autobiográfico da autora contextualizado com a FHB, considerando como elementos estruturantes a proposição do processo pedagógico do curso e sua metodologia de ensino.

Os resultados serão expostos em duas etapas, a primeira que caracterizou o curso, abordando a estrutura do curso, processo pedagógico, metodologia e grade

curricular e a segunda, que utilizou as autoavaliações como elementos de análise e síntese do processo de formação.

## **Resultados**

- **Caracterização do Curso de Formação Holística de Base na Abordagem Transdisciplinar Holística**

O curso de FHB, realizado há 18 anos na Unipaz-RJ, tem como objetivo “favorecer a transformação necessária do indivíduo, enquanto sujeito integral e habilitá-lo para desenvolver ações transformadoras na sua área de atuação, partindo da proposta teórico-vivencial das Ecologias Pessoal, Social e Ambiental, para a nova cosmovisão sustentada no paradigma transdisciplinar holístico, através de um modelo de educação para a inteireza humana”<sup>3</sup>.

As turmas são formadas por profissionais de diferentes áreas do conhecimento e abertas também para estudantes de graduação, na modalidade de extensão. Ao longo dos 18 anos de existência do curso, muitos aprendizes foram formados.

A metodologia desenvolvida pela Unipaz-Rj centra-se na Holologia e Holopraxis, termos cunhados por Pierre Weil (1987) para designar tanto o estudo teórico e experiencial do antigo e do novo paradigma bem como de suas conseqüências na vida humana, quanto o conjunto de métodos que permitem a vivência pela via experiencial sintética, simbólica, e do mergulho na essência do Ser, desenvolvendo as funções psíquicas do sentimento e da intuição.

---

<sup>3</sup> www.unipazrj.org.br



A proposta do curso volta-se para a integração das quatro inteligências do ser humano, expressas através dos quocientes físico, emocional, intelectual e espiritual, sendo esse último o caminho para o nascimento da inteligência integral que permite o exercício do educar e do cuidar.

O processo pedagógico desenvolvido pauta-se na educação e cuidado integral, promovendo a conexão dos dois hemisférios cerebrais, facilitando a integração das quatro funções psíquicas (pensamento, sentimento, sensação e intuição) com os quatro estados de consciência (vigília, sonho, sono profundo e transpessoal), através do intercâmbio dinâmico das quatro vias do saber humano (ciência, filosofia, arte e tradições espirituais), promovendo a integração dos quatro quocientes de inteligência.

A grade curricular possui a seguinte estrutura e aborda os temas abaixo:

<b>Disciplina</b>	<b>Carga Horária</b>	<b>Ementa</b>
Introdução à Abordagem Transdisciplinar Holística	28 horas/aula	Introdução à visão holística. Três ecologias: pessoal, social e ambiental. Diferentes níveis de paz. Fantasia da separatividade. A interdependência. Introdução à abordagem transdisciplinar: complexidade, diferentes níveis de realidade; lógica do terceiro incluído. Vivências interativas.
A Arte de Viver a Vida I e II	70 horas/aula	Ecologias Pessoal e Social. As artes de viver: consciente, em plenitude, em harmonia, o conflito e a passagem. Fisiologia da violência e cultura de paz. Estados de consciência. Realidade interior e exterior. Viver ou vegetar – a presença no cotidiano. O autômato e o ser consciente. Os centros energéticos. O ecossistema corporal. Consciência energética: a profundidade e a forma. Identidade e autonomia do movimento. A dinâmica energética do ser humano. A arte da escuta: diurna e noturna. Ressonâncias arquetípicas. A relação evolutiva. As polaridades masculina e feminina. Gestão de conflitos intra e interpessoais, intra e intergrupais. Impermanência. Espaço vivencial.





<b>Disciplina</b>	<b>Carga Horária</b>	<b>Ementa</b>
Ecologia do Ser, Sonhos e Mitos e as Faces da Psique	42 horas/aula	A cartografia da vastidão do fenômeno humano. Normose: A patologia da normalidade. Dimensões do imaginal. Ressonâncias Arquetípicas. Sonhos - Soma, Psique e Nous. Padrões estruturantes da personalidade. Ameaças internas e externas. As nove faces da psique. Espaço vivencial.
A Ética como Garantia da Sustentabilidade e a Transreligiosa: Ocidente, Oriente e Ancestral Brasileira	56 horas/aula	A ética como garantia da sustentabilidade. Ética e desenvolvimento humano. Espaço vivencial. Conceito de ética nas diferentes tradições. Tradições espirituais do ocidente e do oriente. Os princípios comuns das tradições espirituais. O resgate do sagrado. Tradição sagrada ancestral brasileira. Diversidade cultural e tradições ancestrais. O xamanismo e a ancestralidade brasileira. História dos primeiros povos do Brasil. A energia feminina como sustentação da alma. Espaço vivencial.
Arte: A Transdisciplinaridade na Práxis	14 horas/aula	O homem e a arte: a transdisciplinaridade com a ciência, a filosofia e a religião. Uma breve História da Arte: as diferentes manifestações e valores da arte no tempo e no espaço. A interface da Arte com a Filosofia (conceitos preliminares: a Estética, o Belo e a Contemplação). Arte e Espiritualidade: o uso da arte nas diferentes tradições religiosas. Arte e ciência: a inserção de novas mídias, a reprodutibilidade técnica e a configuração do espaço de Dante a internet. Espaço vivencial.
As Ciências de Ponta e a Transdisciplinaridade	28 horas/aula	Física quântica e o novo paradigma. Evidências do declínio do paradigma clássico. Espuma quântica, partícula/onda e ilusão da separatividade. Matéria e impermanência. Neurônio e sinapse. O cérebro como aparato quântico. Dimensões masculina e feminina: hemisférios cerebrais e corpo caloso. Neuroplasticidade. A In-formática humana. Espaço vivencial.
Ecossustentabilidade	28 horas/aula	Relação do ser humano com a natureza, percepção da realidade ilusória entre sujeito e objeto e a relação entre os dois. Compreensão das várias ecologias para o conhecimento necessário à vida sustentável: a ética ecológica, o consumo sustentável e a espiritualidade e o meio ambiente. Agenda 21. Vínculos entre ecologia e cultura da paz. Gestão ambiental. Consumo e desenvolvimento viáveis. Pegadas ecológicas. Espaço vivencial. Pequenas e grandes mudanças: Para as pequenas necessitamos trabalhar nas práticas, comportamentos ou atitudes, para as grandes e significativas necessitamos mudar paradigmas. O líder holocentrado (centrado no todo), estimulando os processos de mudança e facilitador do desempenho do grupo. A autoridade pessoal: protecionismo x autoritarismo x alteridade. Reuniões participativas com liderança centrada no grupo, buscando consenso e o desenvolvimento da flexibilidade de ser minoria leal para o bem comum. A aliança das diferenças complementares.



Disciplina	Carga Horária	Ementa
Nutrição e Consciência Corporal e Energética - Conhecer para transformar: uma mudança de paradigma	42 horas/aula	A arte de nutrir-se. Células e nutrição. Nutrição vai além do ato de alimentar-se. Nutrição e saúde digestiva. Nutrição cerebral. Mitos em alimentação. Consciência e consumo de alimentos. O autômato e o ser consciente. Os centros energéticos. O ecossistema corporal. Consciência energética: a profundidade e a forma. Identidade e autonomia do movimento. A dinâmica energética do ser humano. Conscientização dos traumas que ocorrem no desenvolvimento humano, como ficam registrados em nossos corpos e como podemos superá-los, visando a cotidiana experimentação da Essência.
Liderança na Abordagem Transdisciplinar Holística	14 horas/aula	Passos históricos que propiciaram o desembocar nesse momento de transição atual; Conceitos de transdisciplinaridade e como eles se aplicam ao mundo empresarial; O que é uma empresa transdisciplinar holística e um modelo de aplicação prático, baseado em caso real; Os dois principais pilares dessa nova visão administrativa: a “Liderança Holocentrada” e a “Intenção Estratégica”.
Construção e produção do conhecimento transdisciplinar	28 horas/aula	Construção do Conhecimento na Abordagem Transdisciplinar Holística. Os Paradigmas Científicos e o Paradigma Transdisciplinar Holístico. A correspondência entre mundo subjetivo/objetivo e a axiomática transdisciplinar. O conhecimento na interface do Ser e do Saber. Produção e socialização transdisciplinar do Conhecimento. Métodos e instrumentos de pesquisa. O sujeito frente à produção do conhecimento: entraves e possibilidades. Os pilares da metodologia da pesquisa na abordagem transdisciplinar. A socialização do conhecimento: tecendo a rede transdisciplinar.

- **As autoavaliações como elementos de análise e síntese do processo de formação nos diferentes níveis: indivíduo, sociedade e natureza**

O foco da FHB volta-se para a necessidade de integrar as inteligências dos indivíduos e de desenvolver um conhecimento, no nível do sujeito, que permita a compreensão dos diferentes níveis de realidade e das múltiplas verdades acerca da vida.

Mas, para isso, o caminho começa a ser construído a partir da compreensão e vivência da desintegração do homem, natureza e sociedade, por meio do esquema teórico e prático desenvolvido por Pierre Weil (1993) e denominado de “Roda da Destruição”.

A partir desse esquema o autor aborda o homem nas suas dimensões mente, corpo e emoções para contextualizar que a fragmentação inicia-se através da

fantasia da separatividade (Weil, 1987). Esta separatividade, inaugurada ao nascer, estabelece relações de dualidade entre os sujeitos, entre sujeitos e objetos, entre sujeitos e a natureza.

O binarismo dessa vivência institui saberes e fazeres, nos diferentes campos do conhecimento, nas diferentes áreas de produção, entre sociedades, entre religiões, desconectados das conseqüências da fragmentação, como destruição dos ecossistemas, violências, consensos dualistas, fome, miséria, etc. (Weil, 1993).

Superar tal fragmentação é investir na integração dos sujeitos através da mente, do corpo e das emoções, permitindo que esta integração se expresse em novas formas de relacionamento com a natureza e com a sociedade. Para isso, o contraponto está na estruturação da “Roda da Vida” (Weil, 1993).

A “Roda da Vida” é também uma representação esquemática, através da qual Weil (1993) sintetizou o resultado da interação positiva entre sujeitos, sociedade e natureza uma vez superada a fragmentação que separa as formas de vida e que institui as oposições combativas.

Assim, considerando a estrutura do curso de FHB é possível observar que seus conteúdos expostos na grade curricular procuram dar conta do movimento de levar os sujeitos de uma condição fragmentada para uma perspectiva integrada.

A partir das análises das autoavaliações, pude perceber o percurso que percorri desde o início da formação até sua conclusão. O primeiro contato com o curso e com sua metodologia, incluiu a vivência dos conteúdos através das dinâmicas e da correlação com a vida em sua dinamicidade. O desenho metodológico do curso permitiu que os conhecimentos profundos e complexos fossem compreendidos mediante vivências, o que rompeu com a lógica do paradigma newtoniano-cartesiano tão experienciado pela maioria dos cursos

Um dos pontos críticos do curso no **nível do indivíduo**, é a reflexão sobre a fantasia da separatividade. Percebi que na medida em que se reconecta com o universo e passa-se a rejeitar a idéia de solidão existencial, compreende-se a vida de forma integrada a todo o universo. Essa idéia recolocou, de forma irreversível, a percepção do lugar de cada um dos seres humanos, rompendo com as polarizações e restabelecendo os laços de união com as formas de vida.

Nesse sentido, me senti convidada para a viagem rumo ao desafio da Abordagem Holística e Transdisciplinar e de reconstruir a roda da vida, afirmando a



paz através da integração dos seres, das estruturas e da energia, entre ciência, filosofia, arte e tradições espirituais.

Nos demais seminários, foi possível trabalhar com estados de consciência, com os conflitos das relações intra e interpessoais, procurando resgatar a plenitude e harmonia entre os sujeitos. Desde o nascimento somos imersos no processo conflituoso de viver. Passar por esse processo com sabedoria requer que sejamos capazes de transmutar velhos valores, compreendendo que, como centelha universal, reproduzimos o mesmo movimento dialético de expansão e contração.

Assim, como dimensão inerente à vida e caracterizado como forças de pólos opostos, o conflito aponta para a o exercício dialógico de escuta e ação frente aos problemas.

O exercício de escuta de si mesmo e de valorização das mensagens de alerta emitidas pelo corpo, sentimentos, sonhos e relacionamentos constitui a tarefa mais importante e sutil na construção de uma nova maneira de lidar com as energias polarizadas dentro de cada um de nós.

Tal exercício me apontou para a precípua necessidade de mergulharmos no oceano do autoconhecimento, de descobrir nossa luz e nossa sombra, procurando iluminar com escuta os pontos obscuros que nos levam a reviver ressentimentos e entrarmos em conflito. Ao contrário do que se possa imaginar, não é a fala o veículo precípua das relações, mas a escuta genuína e aberta ao universo do outro, o qual traz consigo uma série de elementos que foram se constituindo, desde sua vida intra-útero até as influências da cultura, família e religião.

Pela inerente dualidade presente na vida, há sempre dois ou mais lados a serem considerados nas relações. Abrir-se a essa perspectiva permitiu-me deslocar do meu próprio lugar de saber e poder nas relações.

Como primeiro degrau na solução dos conflitos, a integração com as diferentes dimensões existentes em nós mesmos me apontou para novos caminhos de trilhas menos percorridas. A harmonia pode ser vivenciada em diferentes níveis, nos quais as boas atitudes, pensamentos e posicionamentos contribuem para a estruturação de uma vida centrada na proposição da cultura de paz.

Resgatando a compreensão da palavra estagnação como antônimo da palavra paz, percebi que é preciso fazer viver o movimento de conciliação dentro de mim mesma. Assim, serei capaz de sentir a serenidade e a paz me levando para o



lugar certo, apesar da existência do conflito que impulsiona para a criação de novas saídas.

Somente através do movimento de transformação que poderei vivenciar a plenitude em minha vida, utilizando o exercício da presença como veículo para acessar diferentes níveis de consciência e, por conseqüência, diferentes percepções sobre a vida.

Cabe também destacar a importância que deve ser dada à consciência corporal, como fruto da compreensão de que somos parte integrante de um macrossistema que envolve e concebe a todos nós, tendo cumprido a função de resgatar o corpo e suas sensações para o lugar de protagonista na vida, veículo de ligação, fundamental para o exercício de uma existência inteira.

A proposta de uma Pedagogia Iniciática convoca a todos, independente da formação e atuação, a atuar de maneira diferente frente à Vida, de compreendê-la de outra maneira, mais libertadora e de construir através das relações novos caminhos que sejam capazes de superar as dualidades.

A abordagem do conceito de normose inaugurou uma nova perspectiva crítica frente à vida através da qual pude questionar valores que introjetamos e que vão nos amarrando ao longo da vida, tornando-nos normóticos e infelizes.

Durante o curso me peguei refletindo sobre o porquê da vida adulta ser tão enclausurante e sufocante, momento em que vamos nos esquecendo da espontaneidade da infância. No entanto, o resgate da minha história proporcionou a quebra com essas barreiras e posso considerar que estou desperta para uma atitude não normótica.

Por isso, os ensinamentos voltados para as transformações no nível do sujeito procuram conectar os aprendizados a partir de vivências e reflexões, culminando na compreensão do momento da morte como expressão da forma como levaremos a vida, encararmos o cotidiano e enfrentarmos nossos desafios de aprimoramento. Compreendi que é preciso saber lidar com o conflito de forma apaziguada e construir pontes de amor, entendendo a nutrição como um pilar de sustentação dessa forma que nos in-forma. Compreendi que a paz só se produz em nossos corações pelo exercício cotidiano de conexão com o Todo, com as diferentes expressões da vida e que tudo isso só será possível se a vivência for consciente de cada momento, de cada sentimento e de cada pensamento, através dos quais

construiremos a plenitude e a harmonia interna e externa. O labor é cotidiano em cada sopro de respiração e em cada amanhecer nesse planeta.

Diante do exposto, foi possível, através dos seminários, consolidar o entendimento de que cada ato cotidiano, cada semente que plantamos representam frutos que colheremos no futuro, seja mais imediato, seja ao final desta vida. Tenho a certeza que a forma como vivo hoje é só uma das muitas possibilidades de expressão da vida em mim e que os laços de afeto são os elos que levamos adiante e que continuam nos sustentando no amor.

Passando para os **níveis da sociedade e da natureza**, a formação permitiu reintegrar saberes, convocando à reaproximação das ciências e da humanidade. A partir da lógica do terceiro incluído compreendi a situação de carência da atual sociedade mediante a falência de seus modelos de intervenção na realidade. Mais do nunca, conclui que é precípua abrir-se ao desconhecido e para o imprevisível, pois não existe saber que, fechado em si mesmo, consiga resolver todos os problemas apontados pela humanidade.

O exercício da ética, na nova cultura de paz e no novo paradigma, deve ser de reflexão e diálogo, assumindo a necessidade de abertura aos diferentes saberes e atuando de forma a acolher o outro, compreendendo as diferentes formas de ser e estar na vida.

Na medida em que compreendi que na origem das espécies há uma total integração dos elementos que proporcionou a complexidade dos seres e das formas de vida, foi possível rever a maneira de explicar a realidade, onde tudo e todos compartilham dos mesmos elementos constituidores.

Os avanços dos estudos holísticos e da ecologia humana trazem para a cena atual a necessidade de se formar uma consciência global sobre os problemas que afligem o ecossistema terrestre e seu funcionamento. Tal consciência global pretende que se mostre o que é óbvio: tudo e todos (inclusive nós, seres humanos) que vivem e convivem nesse ecossistema participam de uma cadeia de processos e de regulações, ou seja, tudo é vida.

A saúde não se reduz à práticas individuais, como ginástica, alimentação e terapia, pois está além e, fundamentalmente, ligada ao desenvolvimento de uma consciência ecológica que coloque a humanidade em sintonia com o funcionamento do ecossistema.

Acima de tudo, uma nova ética requer que sejamos prudentes com os conhecimentos, refletindo, analisando, dialogando, para que tenhamos uma vida decente. Uma nova maneira de exercer a ética requer que assumamos que a vida precisa ser afirmada em seus diferentes projetos de felicidade e que para isso, faz-se necessário romper com pré-conceitos, estigmas, estereotípicos e defesas de conceitos pessoais ou de grupos específicos.

Assim, é importante regatar as tradições ancestrais que nos constituem, valorizando-as e reintegrando ao conhecimento formal, procurando restituir o papel da educação para o ser através do trabalho presente, alerta e vigilante, redirecionando as energias que nos compõem, femininas e masculinas, para o caminho da superação e do autoconhecimento.

A postura transdisciplinar nos convoca a ver/compreender as fronteiras do conhecimento como possibilidades de diálogo e não fechadas em si mesmas, de forma estanque como temos aprendido na academia e nas escolas.

O exercício exigido requer a não imposição de idéias e conceitos, mas de usar o espaço vazio como meio de interlocução e produção do novo e de novas e criativas saídas para os conflitos que buscam assumir o centro, a razão.

Para alcançar uma nova consciência na vida é preciso mudar a postura mental, corporal, entregar, aceitar, confiar e agradecer para que a paz e a harmonia se estabeleçam em nós e para que sejamos capazes de não disputar o centro da vida, mas deixar que a vida assuma o centro, momento este em que ela mesma nos conduzirá ao exercício da plenitude. Somente dessa maneira poderemos exercer uma liderança integral e holocentrada sobre o cotidiano de nossas vidas.

## **Discussão**

Diante da síntese exposta nos parágrafos anteriores, realizada graças ao resgate e análise das autoavaliações, é possível observar que o curso de FHB promoveu transformações nos níveis individual que se expressam em atitudes transformadas no social e na natureza.

Esta constatação vai ao encontro do pressuposto da transdisciplinaridade: diálogo entre diferentes áreas do saber, com o compromisso de articular a multirreferencialidade e a multidimensionalidade do ser humano e da vida (Mello, Barros e Sommerman, 2002).





Para Mello, Barros e Sommerman (2002; 10), a transdisciplinaridade implica em:

- uma atitude sensível, intelectual e transcendental perante si mesmo e o mundo
- aprender a decodificar as informações provenientes dos diferentes níveis que compõem o ser humano e suas repercussões no outro;
- transformação do olhar sobre o individual, o cultural e o social, remetendo à reflexão respeitosa e aberta sobre as culturas do presente e do passado, do Ocidente e do Oriente, buscando contribuir para a sustentabilidade do ser humano e da sociedade.

A materialização desta atitude nos diferentes campos do saber requer respeitar seus traços fundamentais - o rigor, a abertura e a tolerância - apoiando-se em seus pilares - níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade (Nicolescu, 1999) – para que os mesmos permitam exercitar o diálogo, a ampliação, o aprofundamento, a análise e a síntese.

Por rigor compreende-se a importância de fundamentação do saber, da linguagem, do percurso metodológico, do viver e do sentir que permitam conhecer a si mesmo e ao outro (sujeitos e natureza), considerando as relações que são estabelecidas.

A abertura vai ao encontro do que Morin (apud Ferreira, 2005) salientou ao abordar a aleatoriedade e incerteza presentes na realidade, pois para ser possível abarcar e trabalhar com tais situações é preciso abrir-se ao desconhecido, ao inesperado e ao imprevisível, sendo necessário exercitar a tolerância diante da diferença e da diversidade.

Como etapas prévias para a construção de um prédio, respeitar e compreender os traços fundamentais da transdisciplinaridade, seria como assentar um terreno, embasado por valores norteadores. Dessa forma, pode-se produzir conhecimentos que sejam sustentados por seus pilares, os quais requerem, segundo Sobrinho (2010)<sup>4</sup> e Barbosa (2005) reconhecer e conhecer:

- que existe nos sujeitos um entrelaçamento dos seus níveis (físico, emocional, mental e espiritual), das suas funções psíquicas (pensamento, sentimento,

---

<sup>4</sup> www.unipazrj.org.br





sensação e intuição), dos seus diferentes estados de consciência (vigília, sonho, sono profundo e transpessoal), bem como do conhecimento recebido e do elaborado, através das quatro vias do saber humano (ciência, filosofia, arte e tradições religiosas), e das suas relações com os Outros e com a Natureza, através das dimensões ontológicas da cultura (mítico-simbólica; lógico-epistêmica e misteriosa), bem como da complexidade do Universo em que está inserido;

- que a vida comporta *diferentes níveis de realidade* - relativa e absoluta – que não permitem qualquer tipo de reducionismo ou mesmo privilégio em detrimento de uma visão hegemônica, compreendendo que a percepção dos níveis de realidade depende da posição do observador;
- que dessa formação, exercício e entrega é possível incluir elementos novos, relacionar coisas antes não relacionáveis e que, sobretudo, nos leva a conclusões, percepções, compreensões e saberes que não seriam viáveis pela lógica clássica, erigindo relações que incluem um terceiro elemento compreendido por aquilo que conecta os sujeitos, que permite gerar novos conhecimentos e que guia para a produção de novas formas de fazer e relacionar-se. Por meio do exercício de amplitude da visão e compreensão dos diferentes níveis de realidade, torna-se possível incluir e mediar elementos antes não relacionados.

Assumir uma atitude transdisciplinar exige, segundo Blatyta e Rubinstein (2005), respeitar o ser humano em sua totalidade – físico, mente, espírito e emoção – vivida em diferentes contextos sócio-históricos, o que requer reconhecer e valorizar o exercício da alteridade nas relações.

Segundo Blatyta e Rubinstein (2005; 201) para ser transdisciplinar é preciso, independente do objeto de estudo,

“...ter uma atitude consciente que atravessa as várias disciplinas: uma nova ética, que estimula o homem a investigar, nos mais variados campos de conhecimento, um significado, um fator energético, que favoreça prioritariamente o respeito pelo ser humano e a luta pela melhoria de sua qualidade de vida”.

No cenário das ciências, assumir essa atitude oriunda do pensamento complexo exige dialogar conhecimento e consciência, ampliando a rede neural e utilizando mais de uma lógica de raciocínio. Todavia, o modelo da superespecialização não permite esse movimento, pois circunscreve o raciocínio em lógicas determinadas (Silva, 2005).

Para Silva (2005), o que permite esse movimento e a expansão da rede neural não é em si a determinação biológica, mas a relação do sistema neurológico dos sujeitos com epistemes complexas, o que habilita perceber as diversas relações.

Para isso, o exercício educacional de formação deve permitir o aprendizado sob diferentes vias, mobilizando os níveis físico, mental, emocional e espiritual para o desenvolvimento integral das inteligências, caminhando no sentido de integrar o sujeito a si mesmo para que sua renovação de olhar o permita construir uma postura nova frente as questões contemporâneas.

Barbosa (2005) aponta que é preciso ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar, inserindo o papel da intuição, da imaginação, da sensibilidade e do corpo na transmissão a compreensão do conhecimento. Assumir esse trabalho pressupõe romper com a lógica hegemônica do aprendizado e ir além do aprender a aprender, incluindo também o aprender a fazer e o aprender a viver.

Sob a perspectiva transdisciplinar, o exercício de conhecer não fica restrito apenas às fronteiras disciplinares, mas impulsiona à conexão entre as disciplinas, entre diferentes significados, o que exige flexibilidade metodológica para o estabelecimento de relações mais horizontalizadas.

Já o aprendizado do fazer requer recolocar a criatividade no centro do sujeito, permitindo que suas potencialidades sejam reconhecidas e acessadas, indo além da qualificação especializada que responde apenas as exigências do mercado de trabalho, mas não habilitam o sujeito no resgate de suas múltiplas capacidades (Alonso, 2005).

E, o aprendizado do viver refere-se ao reconhecimento de si, com valores e crenças construídos socialmente, para ser capaz de exercer a alteridade, suplantando limitações, permitindo o diálogo horizontal e valorizando a potencialidade da diversidade. Sem tocar nesse aspecto, estar-se-ia mantendo

cristalizadas as relações de poder-saber que induziram, e ainda induzem, a séculos de dominação, expropriação e desrespeito a toda forma de vida.

Segundo Barros (2005; 122), a transdisciplinaridade compreende que

“a educação é um processo triplo somente pilotado pelo sujeito: um pólo vem de dentro do sujeito e vai para o mundo; outro faz o caminho inverso, vai do mundo exterior para o interior do sujeito; e um terceiro que é constituído pela tomada de consciência e de retroação reflexiva sobre as influências hetero-normativas e eco-formativas”.

Assim, sob a perspectiva transdisciplinar, o conhecimento não pode prescindir de ser produzido por meio de um processo que seja capaz de atingir o sujeito em sua formação individual para que desta seja construída uma relação com os outros e com a natureza (Barros, 2005; Galvani, 2002).

É por meio da compreensão da natureza existencial e essencial do ser humano e do reconhecimento de diferentes níveis de realidade que se torna possível desenvolver uma atitude ética que valorize toda e qualquer forma de vida, que seja inclusiva do olhar e experiência do outro e que seja dialogal, permitindo a construção de consensos e o estabelecimento de responsabilidades e respeitabilidade (Barros, 2005). É por meio deste tipo de conduta ética que será possível desenvolver um conhecimento prudente para uma vida decente (Santos, 2002)

A construção de novas consciências e práticas frente a si mesmo e ao mundo, incluindo a ciência, só será possível mediante o despertar do homem para sua condição de agente de transformação de si que se expressa em transformações sociais.

Para Galvani (2002), a autotransformação não deve ser entendida como um processo apartado da heteroformação e da ecoformação. Mas, sobretudo, como um processo de tomada de consciência do sujeito sobre seu próprio funcionamento que reflete em modificações junto à natureza e ao outro. A autoformação é um processo dependente das relações que estabelece que articula pessoa, meio ambiente e tomada de consciência.

Sendo assim, é possível compreender que a FHB é uma formação que foi construída assentada no paradigma transdisciplinar holístico por permitir o

desenvolvimento do sujeito em seus diferentes níveis, conectando-o à sociedade e à natureza. Por meio desse movimento torna-se possível integrar ciências, saberes e tradições na construção das relações e na produção de práticas, nos diferentes campos de atuação, sensíveis e despertadas para a integralidade do conhecimento.

### **Conclusão**

Com a conclusão desse trabalho foi possível observar que a FHB permite aos aprendizes o desenvolvimento de um olhar e de práticas integrais, que perspectivem o todo das relações, o que, para Weil, D'Ambrosio e Crema (1993), refere-se à visão holística que engloba as ciências, tradições, cultura e artes.

Sendo assim, o conhecimento construído sob os pilares da transdisciplinaridade impulsiona os indivíduos a desenvolverem uma visão holística, sem a qual não é possível apreender os diferentes aspectos que compõem a realidade, experienciar diferentes níveis de consciência para ser capaz de superar as fragmentações atuais.

Mais do que um curso de especialização, a FHB tem a potencialidade de trabalhar o nível individual conectado ao desenvolvimento de uma consciência global, cumprindo com seu objetivo maior de reconstruir a Roda da Vida (Weil, 1993), por meio da qual todo conhecimento pode avançar considerando o exercício da alteridade em direção à paz.

## Referencias bibliográficas

Alonso, LK. Conhecer: um ato de transformação. In: Friaça, A. Alonso, LK.; Lacombe, M. Barros, VM. (orgs.) Educação e Transdisciplinaridade III. Editora Triom, São Paulo, 2005, p. 243-270.

Andrade, R., A Cultura Como Ser no Mundo – In Fazer Filosófico. Rio de Janeiro: Editora UAPÊ. p. 31-57, 1999

Barbosa, D. A atitude transdisciplinar na educação escolar. In: Friaça, A. Alonso, LK.; Lacombe, M. Barros, VM. (orgs.) Educação e Transdisciplinaridade III. Editora Triom, São Paulo, 2005, p. 361-370.

Barros, VM. Alteridade: autonomia ou ontonomia? In: Friaça, A. Alonso, LK.; Lacombe, M. Barros, VM. (orgs.) Educação e Transdisciplinaridade III. Editora Triom, São Paulo, 2005, p. 107-172.

Blatyta, DF.; Rubinstein, E. Psicopedagogia e transdisciplinaridade. In: Friaça, A. Alonso, LK.; Lacombe, M. Barros, VM. (orgs.) Educação e Transdisciplinaridade III. Editora Triom, São Paulo, 2005, p. 179-204.

Bueno, BO. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. Educação e Pesquisa, 2002, 28 (1): 11-30.

D'Ambrosio, U. Crema, R. Weil, P. Rumo à Nova Transdisciplinaridade. Editora SUMMUS, 1993.

Ferreira, MEMP. Universidade, cultura e transdisciplinaridade. In: Friaça, A. Alonso, LK.; Lacombe, M. Barros, VM. (orgs.) Educação e Transdisciplinaridade III. Editora Triom, São Paulo, 2005, p. 271- 306.

Galvani, P. A autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. In: Sommerman, A.; Mello, MF.; Barros, VM. (orgs.) Educação e Transdisciplinaridade II. Editora TRIOM, São Paulo, 2002, p.93-122.

Mello, MF.; Barros, VM.; Sommerman, A. Educação e Transdisciplinaridade II. Editora TRIOM, São Paulo, 2002, p.9-27.

Nicolescu, B. O Manifesto da Transdisciplinaridade. Editora TRIOM, São Paulo, 1999.

Santos, BS. Um discurso sobre as ciências. Porto: Edições Afrontamento, 12<sup>a</sup> ed., 2002.

Silva, DJ. O complexo como uma episteme transdisciplinar. In: Friaça, A. Alonso, LK.; Lacombe, M. Barros, VM. (orgs.) Educação e Transdisciplinaridade III. Editora Triom, São Paulo, 2005, p 47-76.

Silva, FCR.; Maia, SF. Narrativas autobiográficas: interfaces com a pesquisa sobre formação de professores. VI Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI, 2010

Silva, AP. Barros, CR.; Nogueira, MLM.; Barros, VA. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de história de Vida. Mosaico: estudos em psicologia, 2007, I (1): 25-35.

Sobrinho. G. Metodologia da Unipa-RJ: a abordagem transdisciplinar holística [www.unipazrj.org.br](http://www.unipazrj.org.br) - acessado em março, 2012.

Weil. P. A neurose do paraíso perdido. Editora Espaço Tempo, Rio de Janeiro, 1987